



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS E DIVERSIDADES
COORDENADORIA DE DIVERSIDADE SEXUAL E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

CARTA À SOCIEDADE CATRINENSE DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

Em evento em homenagem ao dia internacional da visibilidade lésbica, realizado pela Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da Universidade Federal de Santa Catarina, ocorrido em 29/08/2017 com a presença de 158 participantes, foi elaborada a presente carta, que, aprovada entre as pessoas presentes, endereçamos à Sociedade Catarinense de Ginecologia e Obstetrícia - SOGISC.

Durante o evento, foi oportunizada fala às mulheres lésbicas, que ao relatar suas experiências em atendimentos ginecológicos perceberam que ginecologistas:

- a) Ao atenderem uma mulher partam sempre do pressuposto de que as mesmas sejam heterossexuais, deixando de considerar a possibilidade de que sejam homo e/ou bissexuais;
- b) Dispensem os exames preventivos porque elas não mantêm relações sexuais com homens (Partindo, talvez, do pressuposto de que mulheres que só se relacionam com mulheres têm menos chance de desenvolver doenças sexualmente transmissíveis);
- c) Não façam aconselhamento sobre o risco de transmissão de Doenças sexualmente transmissíveis, como por exemplo, o HPV, quando informados de que a paciente é lésbica;
- d) Prescrevam anticoncepcionais e/ou questionem o não uso do mesmo, frente à afirmação da paciente em possuir vida sexual ativa, sem sequer questionarem a orientação sexual, quando a paciente se diz lésbica;
- e) Quando informados pela paciente de sua lesbiandade, dispensam exames e, quando muito, sugerem o uso de camisinha masculina em brinquedos eróticos, evidenciando a penetração vaginal como única e hegemônica forma de prática sexual, desconsiderando que em uma relação sexual entre duas mulheres também há troca de fluidos e que mesmo sem penetração há manipulação da genitália com as mãos, sexo oral, compartilhamento de brinquedos eróticos;
- f) Não façam orientação para o sexo seguro, para mulheres lésbicas;
- g) Submetam a mulher a situações constrangedoras, questionando o porque de sua prática sexual com mulheres e não com homens.

Este cenário contraria a recomendação do Ministério da Saúde, de que mulheres com vida sexual ativa devem realizar exames preventivos de câncer de colo uterino serem orientadas por ginecologistas sobre sexo seguro.

A Secretaria Municipal de Saúde reafirma que não existe motivo para as/os médicas/os não pedirem o preventivo de Câncer de colo uterino às lésbicas. O problema é atribuído ao preconceito e ao desconhecimento. "Como os profissionais não passam por uma proposta de qualificação com um olhar para o diferente, os serviços se constituem sem um olhar apurado".

Entendemos que, seja por desconhecimento, preconceito, constrangimento ou até falta de tempo nas consultas, as conversas sobre orientação sexual vem sendo deixadas de lado durante o atendimento ginecológico. Tanto médicos/as quanto pacientes não mencionam práticas sexuais, importantes para garantir prevenção de doenças e levar a orientações adequadas sobre sexo seguro, o que vem prejudicando o atendimento de qualidade à saúde da mulher.

Diante do exposto vimos solicitar a SOGISC divulgação desta carta entre seus membros, alertando para necessidade do atendimento profissional que leve em conta a diversidade sexual humana e a orientação sexual das mulheres atendidas.



Profa. Dra. Olga Regina Zigelli Garcia

Coordenadora de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de
Gênero – da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da
Universidade Federal de Santa Catarina.